

**O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA
DURANTE O CLIMATÉRIO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Walesca Rodrigues Medina¹
Sonara Lucia Estima²

RESUMO

O tema abordado neste artigo é a educação em saúde voltada à promoção da qualidade de vida de mulheres durante o climatério, período caracterizado por transformações biológicas, emocionais e sociais significativas. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel da educação em saúde, com ênfase nas práticas da enfermagem. A metodologia utilizada foi a revisão integrativa da literatura, com abordagem qualitativa e caráter exploratório, considerando publicações entre 2019 e 2024 nas bases SciELO, LILACS, BDENF e Google Scholar, a partir dos descritores “climatério”, “educação em saúde”, “assistência de enfermagem” e “qualidade de vida”. A perspectiva teórica embasada nos resultados apontam para a relevância das ações educativas estruturadas e humanizadas como ferramentas essenciais no enfrentamento dos desafios do climatério, promovendo o empoderamento feminino, a valorização da escuta sensível e a atuação efetiva da enfermagem como agente de transformação e suporte. Conclui-se que a educação em saúde é uma estratégia fundamental para o cuidado integral da mulher climatérica, favorecendo a melhoria da qualidade de vida e subsidiando políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às necessidades dessa população.

Palavras-chave: Climatério. Educação em Saúde. Enfermagem. Qualidade de Vida. Mulher.

1 Introdução

O climatério é uma fase natural na vida das mulheres, caracterizada pela transição do período reprodutivo para o não reprodutivo, geralmente ocorrendo entre os 40 e 65 anos de idade. Durante esse período, ocorrem alterações hormonais significativas, especialmente a redução dos

¹ Discente do Curso de enfermagem da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado (a) na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do(a) Prof. Sonara Lucia Estima. E-mail: walesca.201760144@unilasalle.edu.br.

² Docente do Curso de Sonara Lucia Estima na Universidade La Salle. Mestre/doutor(a) em. E-mail: sonara.estima@unilasalle.edu.br

níveis de estrogênio, que podem desencadear diversos sintomas físicos, psicológicos e sociais, impactando diretamente a qualidade de vida feminina (BRASIL, 2008).

Apesar de ser um processo fisiológico, muitas mulheres enfrentam o climatério com desconhecimento e sem o suporte adequado, o que pode agravar os sintomas e gerar inseguranças quanto às mudanças vivenciadas. A educação em saúde emerge como uma ferramenta essencial para proporcionar às mulheres informações adequadas, permitindo-lhes tomar decisões conscientes sobre sua saúde e bem-estar (SOUZA et al., 2021).

A escolha deste tema surgiu da observação de que, mesmo sendo uma etapa comum e previsível do ciclo vital feminino, o climatério ainda é cercado por tabus, invisibilidade social e lacunas no cuidado oferecido pelos serviços de saúde. A vivência prática em ambientes de atenção primária à saúde evidenciou a carência de ações educativas específicas voltadas a esse público, bem como a necessidade de fortalecimento da atuação da enfermagem enquanto agente de acolhimento, escuta e orientação, desse modo, o estudo propõe-se a contribuir com reflexões que estimulem práticas mais sensíveis, humanizadas e baseadas em evidências científicas.

A atuação da enfermagem é fundamental nesse processo, pois o enfermeiro, por sua proximidade e capacidade educativa, pode favorecer o empoderamento feminino e a autonomia diante das mudanças típicas dessa fase da vida, estudos indicam que a assistência de enfermagem às mulheres no climatério ainda é limitada, muitas vezes restrita à realização de exames de rastreio e encaminhamentos, sem uma abordagem educativa efetiva (CARVALHO et al., 2023; GOMES; ARAÚJO; MAGALHÃES, 2021).

Este estudo tem como objetivo refletir sobre como as ações educativas e de orientação em saúde, com ênfase na atuação da enfermagem, podem impactar positivamente a qualidade de vida das mulheres durante o climatério. A partir de uma revisão da literatura científica e de documentos oficiais, busca-se identificar os principais desafios enfrentados pelas mulheres nessa fase, descrever as estratégias de educação em saúde recomendadas e analisar a contribuição da enfermagem na implementação dessas ações, avaliando sua eficácia na atenuação dos sintomas do climatério e na promoção do bem-estar físico, emocional e social das mulheres.

2 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, com delineamento exploratório, fundamentada em uma revisão integrativa da literatura. Essa metodologia permite reunir, analisar e sintetizar o conhecimento científico produzido sobre o tema da educação em saúde

voltada à mulher no climatério, favorecendo uma compreensão crítica e abrangente das práticas existentes no contexto da enfermagem (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A coleta dos dados foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e Google Scholar. Utilizaram-se os seguintes descritores controlados e não controlados: “climatério”, “educação em saúde”, “assistência de enfermagem” e “qualidade de vida”, combinados por meio de operadores booleanos (AND e OR) para refinar os resultados e ampliar a sensibilidade da busca.

Os critérios de inclusão definidos foram: artigos científicos disponíveis em português, publicados no período de 2019 a 2024, com acesso gratuito ao texto completo, e que abordassem diretamente ações de educação em saúde voltadas à mulher climatérica. Foram excluídos estudos duplicados, resumos sem acesso ao conteúdo integral, produções fora do recorte temporal estabelecido e publicações que não apresentassem relação direta com os objetivos do estudo.

A pergunta norteadora que guiou a revisão foi: “Quais são as contribuições das ações de educação em saúde para a qualidade de vida de mulheres no climatério?”

Dos 56 estudos inicialmente identificados, 11 foram excluídos por duplicidade, 28 não atenderam aos critérios de inclusão, resultando em 13 estudos selecionados para análise.

Os 13 estudos selecionados foram organizados em uma planilha contendo as seguintes informações: título, autores, ano de publicação, objetivos, tipo de estudo, principais resultados e conclusões.

Para análise dos dados extraídos, utilizou-se a técnica de análise temática de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). A leitura crítica e sistemática dos estudos selecionados permitiu a identificação de padrões de significado e recorrência entre os achados. Os dados foram organizados por semelhança de conteúdo, resultando em duas categorias analíticas principais: (1) o impacto do climatério na qualidade de vida das mulheres e o papel do acolhimento profissional e (2) a eficácia das ações educativas em saúde na promoção do bem-estar e da autonomia, essas categorias emergiram da convergência dos estudos quanto às vivências físicas, emocionais e simbólicas do climatério e à importância das práticas educativas desenvolvidas por profissionais da enfermagem na Atenção Primária à Saúde.

Com esta revisão, espera-se identificar padrões, lacunas e contribuições relevantes que subsidiem a prática profissional da enfermagem, promovendo intervenções educativas mais eficazes e sensíveis às demandas de mulheres em fase climatérica.

3 Referencial Teórico

Este referencial teórico tem como objetivo fundamentar a compreensão sobre o climatério, seus efeitos na saúde e qualidade de vida da mulher, além de analisar as políticas públicas e práticas de assistência de enfermagem voltadas a esse ciclo vital. Inicialmente, aborda-se a definição, os sintomas e os impactos do climatério, com ênfase nas transformações físicas, emocionais e sociais vivenciadas pelas mulheres em seguida, são discutidas as políticas públicas de saúde direcionadas ao atendimento dessa população, destacando-se a importância da educação em saúde e do cuidado integral e humanizado na atuação da enfermagem, e ainda serão analisadas experiências, diretrizes e estudos recentes que evidenciam a necessidade de intervenções educativas, escuta ativa e formação continuada dos profissionais como estratégias para a promoção do bem-estar e da autonomia feminina nesse período.

3.1 Climatério: Definição, Sintomas e Impactos na Vida da Mulher

O climatério é um processo biológico natural que marca a transição do período reprodutivo para o não reprodutivo na vida da mulher, geralmente entre os 40 e 65 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) o define como o período de declínio da função ovariana, compreendendo a pré-menopausa, menopausa e pós-menopausa (OMS, 2022), as mudanças hormonais, especialmente a queda do estrogênio, provocam sintomas como irregularidade menstrual, fogachos, sudorese noturna, distúrbios do sono, secura vaginal e alterações geniturinárias.

Essas manifestações físicas impactam diretamente o cotidiano e o bem-estar da mulher, podendo afetar suas relações interpessoais, sua autoestima e sua qualidade de vida de maneira geral, para além dos aspectos fisiológicos, o climatério também afeta dimensões emocionais e sociais, uma vez que muitas mulheres relatam sentimentos de perda da feminilidade, medo do envelhecimento e exclusão social, tais experiências têm origem em construções culturais que valorizam a juventude e associam a menopausa ao fim da sexualidade ou da utilidade social da mulher, sendo essencial desmistificar esses conceitos por meio de orientações educativas embasadas cientificamente (SANTOS et al., 2022).

Durante o climatério, as mulheres enfrentam desafios que extrapolam os sintomas físicos, a literatura evidencia que questões como alterações de humor, ansiedade, depressão, irritabilidade e isolamento social estão frequentemente presentes, esses fatores, combinados com a falta de informação e de apoio emocional, agravam o sofrimento vivenciado nessa fase, muitas vezes, os serviços de saúde não estão preparados para oferecer um acolhimento adequado e integral, o que

resulta em atendimentos fragmentados e centrados na medicalização dos sintomas(BISOGNIN et al.,2022; COSTA; CAMPOS; SANTOS, 2024).

Tissiani et al. (2022) destacam que o impacto do climatério na saúde mental das mulheres é significativo, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Alterações psíquicas como ansiedade, tristeza persistente e sentimentos de inutilidade são comuns e intensificadas pela ausência de acolhimento adequado nos serviços de saúde, que muitas vezes desconsideram a subjetividade dessa experiência. O estudo aponta que o sofrimento é acentuado quando as mulheres não encontram espaços seguros para expressar suas angústias, contribuindo para um processo de silenciamento e invisibilidade.

Observa-se que, socialmente, a menopausa ainda carrega estigmas culturais e simbólicos relacionados à perda da feminilidade e da utilidade social da mulher. Muitas vezes, essas concepções equivocadas resultam em exclusão simbólica, silêncio institucional e invisibilidade diante das políticas públicas. Segundo matéria publicada pela Agência Senado, a invisibilidade das mulheres nessa etapa da vida contribui para que o tema continue à margem das agendas públicas, impactando diretamente na ausência de programas especializados e de campanhas educativas eficazes (BRASIL, 2024).

Como resposta a esse cenário, algumas iniciativas vêm propondo ferramentas de apoio voltadas ao empoderamento feminino e à valorização da informação como instrumento de enfrentamento. Dalla Barba et al. (2025) relatam a experiência de desenvolvimento de um site com informações acessíveis e seguras sobre o climatério e a menopausa, visando orientar e acolher mulheres em diferentes realidades. A ferramenta digital se mostrou eficaz não apenas na disseminação de conhecimento, mas também na promoção de escuta ativa e fortalecimento de redes de apoio entre mulheres.

Frois et al. (2024) apontam que o sofrimento psíquico é acentuado quando as mulheres não encontram espaço para expressar suas angústias e não são reconhecidas em sua singularidade, a invisibilidade social e o silenciamento dos sintomas também comprometem a forma como o climatério é vivenciado, é fundamental que os profissionais de saúde compreendam o climatério como um processo diversificado, que exige abordagem humanizada, empática e respeitosa.

3.2 Políticas, Educação em Saúde e Assistência de Enfermagem no Climatério

As políticas públicas brasileiras para a saúde da mulher passaram por importantes avanços nos últimos anos. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM)

(BRASIL,2004), instituída em 2004, representa um marco ao reconhecer as múltiplas dimensões que envolvem o cuidado com a saúde feminina em todas as fases da vida, o climatério é reconhecido nessa política como um período que demanda ações específicas, com foco na prevenção, educação e assistência integral.

A integração de programas como o Pacto pela Saúde (BRASIL, 2006) e a Rede Cegonha (BRASIL,2011) fortaleceu a atenção básica, mas ainda se observa, na prática, uma lacuna no atendimento às mulheres climatéricas. Os documentos orientadores, como o Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa (BRASIL, 2008), recomendam a construção de espaços educativos, a escuta ativa e o respeito à diversidade sociocultural como fundamentos da assistência. No entanto, muitos profissionais não estão familiarizados com essas diretrizes, o que limita sua aplicação.

O cuidado de enfermagem à mulher climatérica deve ser compreendido como uma prática fundamentada em evidências científicas, sensibilidade humana e compromisso ético. De acordo com a Resolução COFEN nº 736/2024, o Processo de Enfermagem é uma ferramenta essencial para planejar e executar intervenções de forma sistemática, garantindo a qualidade e a continuidade do cuidado.(COFEN,2024).

A consulta de enfermagem, em especial, configura-se como um momento privilegiado para a identificação das necessidades individuais, a orientação sobre os sintomas do climatério, o acolhimento de demandas emocionais e o fortalecimento da autonomia da mulher, outras práticas como visitas domiciliares, atividades em grupo e oficinas educativas ampliam o alcance das ações e promovem o vínculo entre profissional e usuária (MACIEL et al., 2021).

Maciel et al. (2021) e Bisognin et al. (2022) destacam que a proximidade do enfermeiro com o cotidiano das mulheres possibilita uma escuta qualificada, o reconhecimento dos saberes populares e a construção de estratégias de cuidado mais efetivas e personalizadas, é preciso superar barreiras como a sobrecarga de trabalho, a escassez de protocolos específicos e a falta de formação continuada para que a assistência seja, de fato, integral e humanizada.

A educação em saúde é um dos pilares da promoção da saúde e da atenção à mulher no climatério, a educação deve empoderar, transformar e libertar, como propõe Freire (1996), ao considerar a mulher como sujeito ativo do processo de cuidado, essa abordagem estimula a autonomia, o autocuidado e a participação social.

A perspectiva freireana é reforçada por Ceccim (2005), que destaca a importância de metodologias participativas, baseadas na escuta, no acolhimento e na troca de saberes, no contexto do climatério, a educação em saúde deve contemplar temas como sexualidade, nutrição, atividade

física, terapias complementares, prevenção de doenças crônicas e manejo dos sintomas físicos e emocionais.

O Caderno de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2007) orienta que essas práticas sejam construídas de forma coletiva e respeitosa, valorizando as experiências e os conhecimentos das mulheres, a utilização de linguagens acessíveis, materiais adaptados e estratégias de comunicação culturalmente sensíveis é fundamental para ampliar o alcance e a eficácia das ações educativas.

Estudos de autores como Campos et al. (2022), Maciel et al. (2021) e Santos et al. (2022) evidenciam que a educação em saúde melhora a adesão ao tratamento, reduz o sofrimento, fortalece os vínculos com os profissionais de saúde e promove o envelhecimento com dignidade, portanto, trata-se de uma estratégia essencial para o cuidado integral à mulher climatérica, com potencial de transformar não apenas indivíduos, mas também contextos comunitários e institucionais.

Ainda que a literatura revele avanços na incorporação da temática do climatério na atenção básica, estudos recentes reforçam a necessidade de aprofundamento na abordagem educativa. Lemos, Guimarães e Senne (2022), em análise sobre qualidade de vida na pós-menopausa, demonstram que intervenções educativas regulares contribuem para a redução da ansiedade e o aumento da percepção de bem-estar.

A relevância desses estudos contemporâneos confirma o entendimento de que a qualificação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, é fundamental para uma assistência eficaz e sensível às múltiplas dimensões da vivência climatérica. A incorporação sistemática de ações educativas deve ser prioridade nas políticas públicas e no cotidiano dos serviços de saúde, reconhecendo o climatério como uma fase de transição que merece atenção integral, acolhimento e escuta qualificada (LEMOS; GUIMARÃES; SENNE, 2022).

Estudos recentes destacam a relevância da educação em saúde como ferramenta essencial na promoção da qualidade de vida de mulheres no climatério, Menezes e Andrade (2025) realizaram uma pesquisa quase experimental com 20 mulheres entre 40 e 65 anos, demonstrando que uma intervenção educativa de 60 minutos resultou em um aumento significativo no conhecimento sobre climatério e menopausa, com acertos passando de 70% para 92,7% após a ação educativa.

A atuação da enfermagem é crucial nesse contexto, Costa et al. (2024) enfatizam que, apesar da falta de capacitação contínua, a consulta de enfermagem baseada em teorias como o autocuidado e o conforto é fundamental para sanar dúvidas, melhorar o conhecimento e otimizar a qualidade de vida da mulher no climatério.

A assistência de enfermagem deve adotar uma abordagem integrativa e individualizada, considerando os aspectos físicos, emocionais e sociais das mulheres nessa fase, Aguiar et al. (2024)

ressalta a importância da formação contínua dos profissionais de saúde para proporcionar um atendimento humanizado e integral, promovendo a saúde da mulher como prioridade nas políticas públicas.

4 Análise e discussão dos dados

Para interpretar criticamente os resultados obtidos na revisão integrativa, foi adotada uma abordagem de análise temática, orientada por um olhar sistemático e reflexivo sobre os estudos selecionados, a partir da leitura detalhada e comparativa dos 13 artigos incluídos, buscaram-se convergências e recorrências nos dados, permitindo a construção de categorias de significado que dialogam com os objetivos deste trabalho, a etapa não se restringiu à descrição dos conteúdos, mas envolveu a extração de elementos que contribuíssem para compreender, de maneira ampliada, os desafios enfrentados pelas mulheres no climatério e o papel estratégico da educação em saúde nesse contexto.

A categorização emergiu da associação entre os achados empíricos e os marcos teóricos que sustentam a pesquisa, resultando em dois grandes eixos temáticos: o primeiro, voltado ao impacto do climatério na qualidade de vida das mulheres e à importância do acolhimento profissional, o segundo, centrado na eficácia das ações educativas em saúde na promoção do bem-estar e da autonomia feminina. A análise foi conduzida à luz dos princípios da humanização do cuidado, da integralidade da assistência e do empoderamento da mulher, permitindo uma leitura crítica e contextualizada das práticas de enfermagem descritas nos estudos, esta seção apresenta os resultados da análise com base nessas duas categorias, destacando suas implicações para a prática profissional e para a formulação de estratégias mais sensíveis às necessidades da mulher climatérica.

Quadro 1: Artigos Selecionados sobre Educação em Saúde no Climatério

Título do Artigo	Autores	Ano	Objetivo	Principais Resultados	Conclusões sobre Ações Educativas
Os cuidados de enfermagem à mulher no climatério	COSTA, CAMPOS; SANTOS.	2024	Analisar os cuidados de enfermagem direcionados à mulher no climatério	Ações de enfermagem de promover bem-estar e autonomia	Educação em saúde melhora a qualidade de vida

Intervenções educativas para mulheres climatéricas: experiências de discentes na promoção da saúde e educação emocional.	SANTOS, M.T.S et al.,	2024	Avaliar sintomas e qualidade de vida de mulheres no climatério na atenção básica	Sintomas vasomotores impactam negativamente a qualidade de vida	Intervenções educativas são essenciais para o manejo dos sintomas
Qualidade de vida no climatério: revisão de literatura	SOUZA, C. H. C. de et al.	2024	Compreender as mudanças no bem-estar feminino durante o climatério	Climatério provoca alterações físicas e emocionais significativas	Educação em saúde é fundamental para o enfrentamento das mudanças
Ações de enfermagem na promoção da saúde e qualidade de vida de mulheres no climatério	PATRÍCIO, R. S. O. et al.	2020	Apresentar experiências de acadêmicas de enfermagem em ações de cuidado integral às mulheres climatéricas	Intervenções educativas promovem saúde e qualidade de vida	Ações educativas são eficazes na promoção do bem-estar
Revisão integrativa de literatura sobre a assistência de enfermagem à mulher no climatério	LIMA, M.	2024	Identificar estratégias de cuidados utilizadas pela enfermagem no climatério	Necessidade de cuidados sistemáticos e integrados	Educação em saúde contribui para a autonomia das mulheres
A saúde da mulher no climatério: assistência da equipe multiprofissional no contexto da atenção primária à saúde	OLIVEIRA, J.X. et al.	2022	Analisar as práticas da equipe multiprofissional no atendimento à mulher no climatério na Atenção Primária.	Predomínio do modelo biomédico; ausência de ações educativas; profissionais não demonstram desconhecimento sobre o climatério.	Necessidade de formação profissional, escuta qualificada e ações educativas para promover o autocuidado e a autonomia.
Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério	BANAZESKI, A. C. et al.	2021	Analisar a atenção à saúde das mulheres no climatério por enfermeiros da Atenção Primária à Saúde	Enfermeiros reconhecem importância da educação em saúde	Ações educativas são vistas como essenciais no cuidado
Assistência à saúde da mulher climatérica: uma revisão de literatura	SOUZA, B. M. S. et al.	2021	Avaliar a assistência prestada pelo SUS às mulheres climatéricas	Identificação de lacunas na assistência	Educação em saúde é necessária para melhorar o atendimento

Educação em saúde para mulheres no climatério: impactos na qualidade de vida	FREITAS, E.R. et al.	2016	Avaliar os impactos da educação em saúde na qualidade de vida de mulheres no climatério	Educação em saúde melhora a qualidade de vida e autoestima	Ações educativas são eficazes na promoção da saúde
Estratégias de cuidados de enfermagem durante o climatério e a menopausa	SOARES, J.B; et al.	2025	Identificar estratégias de cuidados utilizadas pela enfermagem no climatério e menopausa	Necessidade de diretrizes bem estabelecidas	Educação em saúde é essencial para o cuidado efetivo
Impactos do climatério na qualidade de vida das mulheres adultas das unidades básicas de saúde do município de Guanambi, Bahia	PRADO, A.L.R. et al.	2024	Correlacionar sintomas do climatério ao impacto na qualidade de vida	Sintomas climatéricos afetam negativamente a qualidade de vida	Educação em saúde pode mitigar os impactos negativos
Papel do enfermeiro na atenção à saúde da mulher climatérica	ALMEIDA, N. B. S.	2024	Investigar o papel do enfermeiro na atenção à saúde da mulher climatérica	Enfermeiros desempenham papel central no cuidado	Ações educativas são fundamentais na prática de enfermagem
Qualidade de vida e fatores associados em mulheres no climatério: uma revisão narrativa	FROIS, A.P. et al.	2024	Compreender os desafios enfrentados por mulheres no climatério	Identificação de fatores que afetam a qualidade de vida	Educação em saúde contribui para o envelhecimento saudável

Fonte: Autoria Própria, 2025.

4.1 Impacto do Climatério na Qualidade de Vida e o Papel do Acolhimento Profissional

O climatério é compreendido, nos estudos analisados, como uma etapa que interfere profundamente na qualidade de vida das mulheres, não apenas do ponto de vista biológico, mas também emocional e social, os sintomas vasomotores, como os fogachos, suores noturnos, insônia, fadiga e irregularidade menstrual, são apontados como os mais prevalentes e debilitantes, afetando diretamente o bem-estar diário, queixas como irritabilidade, tristeza, diminuição da libido e baixa autoestima acentuam o sofrimento nessa fase, muitas vezes invisibilizado pelos serviços de saúde (SANTOS et al., 2024; PRADO et al., 2024; SOUZA et al., 2024).

As evidências apontam que, especialmente na Atenção Básica, ainda há pouca ênfase na escuta qualificada dessas queixas e em abordagens integradas, o que contribui para o agravamento

dos sintomas e para o afastamento das mulheres dos serviços (SANTOS et al.,2024; PRADO et al., 2024; SOUZA, et al., 2024).

Para além dos sintomas físicos, o climatério carrega uma carga simbólica e sociocultural que reforça sentimentos de exclusão e perda de valor social, Frois et al. (2024) destacam que muitas mulheres associam essa fase ao envelhecimento e à perda da feminilidade, o que pode gerar sofrimento psíquico acentuado, sobretudo na ausência de espaços de acolhimento e diálogo.

A percepção negativa sobre o próprio corpo e o silêncio em torno do tema, muitas vezes presente até mesmo no ambiente familiar, fragiliza a identidade da mulher climatérica, tal constatação reforça a necessidade de abordagens que contemplem o cuidado integral e humanizado, com reconhecimento das especificidades dessa fase e abertura para escutar experiências singulares (FROIS et al.,2024).

Dentro dessa perspectiva, o papel do profissional de enfermagem torna-se central, a literatura evidencia que o enfermeiro, por sua posição estratégica na rede de atenção primária à saúde, tem grande potencial para atuar como mediador entre o sofrimento da paciente e a construção de estratégias de cuidado, os enfermeiros, ao se comprometerem com práticas de escuta ativa, acolhimento e construção conjunta de planos de cuidado, conseguem estabelecer vínculos mais sólidos e efetivos com essas mulheres, favorecendo não só o alívio dos sintomas, mas também o fortalecimento emocional e social (BANAZESKI et al., 2021; FREITAS et al.,2016).

As limitações estruturais do sistema de saúde brasileiro, associadas à ausência de formação específica sobre o climatério na graduação e à escassez de protocolos clínicos atualizados, comprometem a efetividade do cuidado, Almeida (2024) identificam que, embora os profissionais reconheçam a importância de uma abordagem educativa e humanizada, muitas vezes enfrentam sobrecarga de trabalho e falta de recursos para executar práticas sistemáticas.

Soma-se às informações citadas e a carência de registros e diretrizes claras, o que contribui para que o atendimento à mulher climatérica seja fragmentado ou negligenciado, entendendo que para superar tais desafios, é essencial investir em capacitações continuadas e em políticas públicas que reconheçam o climatério como uma fase que demanda atenção integral (SOUZA et al., 2021; BANAZASKI et al., 2021).

Para subsidiar a análise desenvolvida nesta seção, foi elaborada uma sistematização dos estudos que abordam os impactos do climatério na qualidade de vida das mulheres e o papel do acolhimento profissional, especialmente no contexto da atenção primária à saúde. O Quadro 1 apresenta uma síntese dos principais estudos incluídos na revisão integrativa, destacando autores, ano de publicação, objetivos, e os principais achados relevantes para o tema.

Quadro 2 – Evidências da Seção 4.1: Impacto do Climatério na Qualidade de Vida e o Papel do Acolhimento Profissional.

Autor(es)	Ano	Objetivo do Estudo	Principais Resultados
Santos et al.	2024	Analisar os impactos do climatério na qualidade de vida de mulheres na atenção básica	Sintomas físicos e emocionais debilitantes são invisibilizados nos serviços. Falta escuta e abordagem integral.
Prado et al.	2024	Investigar a vivência de mulheres climatéricas na atenção primária à saúde	Ausência de acolhimento e escuta são fatores de afastamento dos serviços.
Souza et al.	2024	Avaliar a percepção das mulheres sobre o atendimento no climatério	Invisibilidade dos sintomas emocionais e ausência de abordagem humanizada.
Frois et al.	2024	Explorar significados simbólicos do climatério para mulheres de diferentes contextos	Climatério associado à perda da feminilidade e exclusão social, gerando sofrimento psíquico.
Banazeski et al.	2021	Analisar o papel da enfermagem no acolhimento à mulher climatérica	Enfermeiros podem mediar o cuidado com escuta ativa e fortalecimento de vínculos.
Almeida	2024	Investigar desafios enfrentados por profissionais na assistência à mulher climatérica	Sobrecarga de trabalho, falta de formação específica e escassez de recursos dificultam o cuidado adequado.

Fonte: Autoria Própria, 2025.

Os dados sistematizados no Quadro 1 evidenciam que o climatério é frequentemente negligenciado nos serviços de saúde, sendo marcado por sintomas físicos e emocionais que afetam diretamente a qualidade de vida das mulheres, os estudos apontam que a ausência de escuta qualificada, a fragilidade dos vínculos entre profissionais e usuárias, e a escassez de recursos estruturais comprometem a efetividade do cuidado. Nesse contexto, o papel do enfermeiro como agente de acolhimento e mediador do cuidado torna-se central para a humanização e integralidade da assistência à mulher climatérica.

4.2 Eficácia das Ações Educativas em Saúde na Promoção do Bem-Estar e Autonomia

As ações educativas em saúde destinadas às mulheres no climatério demonstram-se eficazes no fortalecimento da autonomia, no alívio dos sintomas e na valorização do cuidado integral, os estudos revisados apontam que intervenções baseadas na escuta ativa, no acolhimento e na transmissão de informações acessíveis contribuem significativamente para o empoderamento das mulheres nessa fase (SANTOS et al., 2022).

Estratégias como rodas de conversa, encontros educativos em grupos e orientações individuais favorecem a construção de saberes compartilhados, permitindo que as participantes compreendam melhor as mudanças fisiológicas que ocorrem durante o climatério, Santos et al. (2022) relatam que as mulheres que participaram de ações educativas apresentaram maior compreensão sobre os sintomas e expressaram sentimentos de acolhimento e pertencimento, o que repercutiu positivamente em sua autoestima e qualidade de vida.

As práticas educativas conduzidas por profissionais de enfermagem destacam-se como dispositivos essenciais na atenção à saúde da mulher climatérica, Patricio et al. (2020) descrevem uma experiência de intervenção realizada por acadêmicas de enfermagem na atenção básica, onde foram promovidas atividades educativas voltadas à escuta das demandas femininas.

Ao abordarem temas como alimentação saudável, autocuidado, práticas corporais e saúde emocional, observaram mudanças significativas na forma como as mulheres lidavam com o climatério, as participantes relataram sentir-se mais seguras para buscar acompanhamento e relatar sintomas que antes eram ignorados ou normalizados pelo senso comum (PATRÍCIO et al., 2020).

Santos et al. (2024), afirma que ao investigarem experiências bem-sucedidas de intervenções educativas na atenção primária, reforçam que ações sistemáticas e contextualizadas possibilitam a criação de vínculos sólidos entre profissionais e usuárias, tais vínculos são fundamentais para a continuidade do cuidado, pois promovem um espaço seguro de troca, informação e apoio, no estudo das autoras salienta-se que as mulheres que participaram dos grupos educativos passaram a identificar o climatério não como uma patologia, mas como uma fase de transição que pode ser vivida com autonomia e dignidade, desde que haja suporte profissional qualificado.

Do ponto de vista técnico, Costa; Campos; Santos (2024) afirmam que o cuidado de enfermagem direcionado à mulher climatérica deve contemplar não apenas a abordagem clínica dos

sintomas, mas também o aspecto educativo como ferramenta de intervenção, o estudo aponta que, quando bem estruturada, a consulta de enfermagem representa uma oportunidade estratégica para desenvolver ações educativas personalizadas, considerando o contexto sociocultural de cada mulher, a escuta ativa e o respeito às especificidades individuais fortalecem o vínculo terapêutico e aumentam a adesão às práticas de autocuidado (COSTA; CAMPOS; SANTOS, 2024).

Soares et al. (2025), reforçam que o planejamento de ações educativas voltadas ao climatério ainda é pouco sistematizado nos serviços de saúde, o que dificulta a construção de protocolos eficientes, contudo, os estudos avaliados mostram que, quando implementadas, essas ações resultam em benefícios clínicos e subjetivos, como a redução da ansiedade, melhoria do sono, diminuição da irritabilidade e recuperação da autoestima, as autoras defendem que a valorização da dimensão educativa na prática da enfermagem é um caminho promissor para qualificar a assistência e combater o estigma que ainda recai sobre essa fase da vida feminina (SOARES et al., 2025).

Lima (2024) destaca a importância da formação profissional na qualificação das práticas educativas, a ausência de conteúdos específicos sobre o climatério na formação inicial de enfermeiros compromete a eficácia das intervenções, já que muitos profissionais se sentem despreparados para lidar com os aspectos subjetivos dessa fase, por outro lado, quando capacitados, os enfermeiros tornam-se agentes transformadores, promovendo práticas baseadas no acolhimento, na empatia e no conhecimento científico.

Oliveira et al. (2022) concluem que a educação em saúde deve ser compreendida como um processo contínuo, que não se limita à transmissão de informações, mas envolve diálogo, escuta e construção conjunta de significados, às ações educativas, nesse sentido, possibilitam que as mulheres climatéricas se apropriem do conhecimento sobre seu próprio corpo, desenvolvem estratégias para lidar com as mudanças hormonais e construam redes de apoio, essa postura ativa e consciente fortalece o autocuidado e contribui para uma vivência mais saudável e respeitosa do climatério.

Apesar das evidências positivas quanto à eficácia das ações educativas desenvolvidas pela enfermagem, os estudos analisados também revelam desafios estruturais que limitam o alcance dessas práticas, a ausência de políticas públicas específicas voltadas ao climatério ainda compromete a sistematização das ações nos serviços de saúde (SOARES et al., 2025; Freitas et al., 2016).

Embora existam diretrizes gerais para a saúde da mulher, o climatério permanece como uma etapa negligenciada nas agendas institucionais, sem fluxos definidos ou protocolos clínicos atualizados, e a carência de abordagens interdisciplinares nas estratégias educativas. A

interdisciplinaridade, quando efetiva, contribui para uma assistência mais integral e compartilhada, promovendo cuidado ampliado e fortalecendo a rede de apoio (SOARES et al., 2025; OLIVEIRA et al., 2022).

Com o intuito de sustentar a análise da eficácia das ações educativas no climatério, apresenta-se a seguir o Quadro 2, que sistematiza os principais estudos selecionados. A tabela sintetiza autores, objetivos e resultados, evidenciando a importância das práticas educativas no fortalecimento da autonomia, no autocuidado e na ressignificação do climatério.

Quadro 3 – Evidências da Seção 4.2: Eficácia das Ações Educativas em Saúde na Promoção do Bem-Estar e Autonomia

Autor(es)	Ano	Objetivo do Estudo	Principais Resultados
Santos et al.	2023	Avaliar os efeitos das ações educativas no empoderamento de mulheres no climatério	Promovem acolhimento, pertencimento, melhora da autoestima e compreensão dos sintomas
Patrício et al.	2020	Relatar intervenção educativa com mulheres climatéricas conduzida por acadêmicas de enfermagem	Aumenta segurança para buscar acompanhamento e relatar sintomas
Santos et al.	2024	Investigar experiências bem-sucedidas de intervenções educativas na atenção primária	Fortalece vínculos, promove autonomia e ressignificação do climatério
Costa; Campos; Santos	2024	Analisar a consulta de enfermagem como ferramenta educativa no cuidado à mulher climatérica	Consulta personalizada fortalece vínculo terapêutico e adesão ao autocuidado
Soares et al.	2025	Avaliar a sistematização das ações educativas nos serviços de saúde	Benefícios clínicos e subjetivos, apesar da falta de protocolos
Lima	2024	Discutir a formação profissional e seu impacto nas práticas educativas no climatério	Falta de formação compromete intervenções; capacitação transforma o cuidado
Oliveira et al.	2022	Explorar a educação em saúde como processo contínuo de fortalecimento do autocuidado	Educação em saúde fortalece conhecimento, redes de apoio e vivência saudável do climatério

Freitas et al.,	2016	Investigar os impactos da educação em saúde na qualidade de vida de mulheres climatéricas	A educação em saúde contribui para o aumento da autoestima, melhora da compreensão dos sintomas e fortalecimento do autocuidado
-----------------	------	---	---

Fonte: Autoria Própria, 2025.

Conforme demonstrado no Quadro 2, as ações educativas em saúde apresentam forte impacto positivo sobre a qualidade de vida e o empoderamento das mulheres no climatério, tais práticas promovem vínculo, acolhimento, conscientização e autonomia, sendo essenciais para um cuidado mais integral e humanizado, apesar das evidências favoráveis, os estudos apontam a necessidade de avanços estruturais, como a sistematização das ações, atualização de protocolos e capacitação dos profissionais, especialmente no contexto da atenção primária à saúde.

5 Considerações Finais

A presente revisão integrativa teve como objetivo refletir sobre o papel da educação em saúde, com ênfase na atuação da enfermagem, na promoção da qualidade de vida de mulheres durante o climatério, a análise da literatura permitiu identificar que essa fase, embora fisiológica, é frequentemente marcada por sofrimento físico e emocional, agravado pela invisibilidade institucional, pela escassez de ações educativas específicas e pela persistência de estigmas sociais em torno da menopausa.

Os estudos revisados evidenciaram que o climatério interfere significativamente na saúde física e mental das mulheres, sendo responsável por alterações hormonais, distúrbios emocionais, sensação de perda de identidade e exclusão social, tais impactos são potencializados pela ausência de acolhimento e de práticas de cuidado integrativas nos serviços de saúde, especialmente na Atenção Primária, onde o atendimento ainda é majoritariamente focado em aspectos biomédicos e fragmentados.

A educação em saúde emerge como estratégia transformadora, as intervenções educativas analisadas demonstraram efetividade ao proporcionar informação clara, escuta qualificada e suporte emocional, favorecendo o empoderamento feminino, a autonomia e o autocuidado, a atuação da enfermagem, quando estruturada com base em metodologias participativas e humanizadas, foi reconhecida como central nesse processo, contribuindo para o rompimento de barreiras culturais e institucionais que limitam a vivência saudável do climatério.

A literatura também apontou desafios relevantes, como a falta de formação específica dos profissionais de saúde sobre o tema, a ausência de protocolos clínicos atualizados, a sobrecarga de trabalho e a descontinuidade das ações educativas, essas situações exigem respostas urgentes por parte das políticas públicas, das instituições formadoras e dos serviços de saúde, com vistas à valorização do climatério como etapa digna de atenção integral, escuta ativa e respeito à singularidade de cada mulher.

Conclui-se que a educação em saúde, é uma ferramenta potente para a promoção da qualidade de vida no climatério, recomenda-se o fortalecimento de ações interdisciplinares, a inclusão do tema na formação em saúde, a elaboração de protocolos específicos e o investimento em políticas públicas que considerem as demandas reais das mulheres climatéricas. O reconhecimento dessa fase como parte do ciclo vital feminino, e não como um problema a ser medicalizado ou silenciado, é um passo fundamental para a construção de uma assistência verdadeiramente integral, equitativa e humanizada.

Referências

AGUIAR, K. S.; RIBEIRO, J. N.; JESUS, M. S. de; ASSIS, B. S. de. **Climatério e menopausa, impactos na saúde da mulher: uma análise sob a ótica da assistência de enfermagem**. Revista UniLS Acadêmica, v. 2, p. 13, 2025. Disponível em: <https://revista.unils.edu.br/index.php/files/article/view/55> Acesso em: 31 maio 2025.

ALMEIDA, N. B. S. de. Papel do enfermeiro na atenção à saúde da mulher climatérica. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 9, p. e76335, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n9-498. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/76335..> Acesso em: 18 maio 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 18 maio. 2025.

BANAZESKI, A. C. et al. Percepções de enfermeiros sobre a atenção ao climatério. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/2021>. Acesso em: 18 maio 2025.

BISOGNIN, P. et al. Saberes e práticas de cuidado à saúde no climatério. **Journal of Nursing and Health**, v. 12, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/2022>. Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Rede Cegonha**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt1459_24_06_2011.html. Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_atencao_mulher_climaterio_menopausa.pdf. Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_educacao_popular_saude_p1.pdf. Acesso em: 26 maio 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pacto pela Saúde 2006: consolidação do SUS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0399_22_02_2006.html . Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf. Acesso em: 18 maio 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Mulheres na menopausa: invisibilidade deixa tratamento fora da agenda pública**. Brasília: Agência Senado, 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/11/mulheres-na-menopausa-invisibilidade-deixa-tratamento-fora-da-agenda-publica>. Acesso em: 31 maio 2025.

CAMPOS, P. F. et al. Climatério e menopausa: conhecimento e condutas de enfermeiras que atuam na Atenção Primária à Saúde. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v. 12, p. e41, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/e41>. Acesso em: 18 maio 2025.

CARVALHO, Marina Lefol Nani; DA MOTA, Kárita Santos; CHINI, Lucélia Terra; RIBEIRO, Patrícia Mônica; FELIPE, Adriana Olímpia Barbosa; FREITAS, Patrícia Scotini. Assistência De Enfermagem Às Mulheres No Climatério Na Atenção Primária À Saúde: Revisão Integrativa. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, [S. l.], v. 27, n. 5, p. 3151–3167, 2023. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/9957>. Acesso em: 18 maio 2025.

CECCIM, Ricardo Burg. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 16, p. 161–177, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/jC4gdtHC8RPLWSW3WG8Nr5k/?lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). **Resolução nº 736, de 17 de janeiro de 2024. Dispõe sobre a implementação do Processo de Enfermagem em todo contexto socioambiental onde ocorre o cuidado de enfermagem**. Brasília: COFEN, 2024. Disponível em:

<https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-736-de-17-de-janeiro-de-2024/>. Acesso em: 26 maio 2025.

COSTA, K. S. CAMPOS, V. A. ; SANTOS, E. M.P. **Os cuidados de enfermagem à mulher no climatério. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, 6(11), 2146–2167.2024. Disponível em: <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/4394> Acesso em: 18 maio 2025.

DALLA BARBA, Isabella Alves et al. Impactos do climatério e menopausa na qualidade de vida da mulher: relato de caso e criação de um site como ferramenta de apoio. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro – REMUNOM**, Teófilo Otoni, v. 7, n. 1, 2025. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/3735>. Acesso em: 31 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, E.R. et al. Educação em saúde para mulheres no climatério: impactos na qualidade de vida. **Reprodução & Climatério**. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S141320871600008X> Acesso em: 18 de maio 2025.

FROIS, A.P. et al. Qualidade de vida e fatores associados em mulheres no climatério: uma revisão narrativa. **Revista Arace**, v. 5, n. 1, p. 15–25, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/download/2861/3531/10703>. Acesso em: 18 maio 2025.

GOMES, Laisa Fernanda dos Anjos; ARAÚJO, Milena Thaisa Rodrigues de; MAGALHÃES, Maria do Amparo Veloso. Evidências científicas acerca da qualidade da assistência de enfermagem à mulher no climatério: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 55615–55634, jun. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/walesca/Desktop/admin,+art+120+BJD+junho.pdf> Acesso em: 18 de maio 2025.

LEMO, B. A. R.; GUIMARÃES, L. C. R.; SENNE, T. H. de. Qualidade de vida das mulheres no climatério e na pós-menopausa. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 12, p. e10503, 2022. Disponível em: <https://acervomedico.org/article/view/e10503>. Acesso em: 18 mai. 2025.

LIMA, M. Revisão integrativa de literatura sobre a assistência de enfermagem à mulher no climatério. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 5, n. 1, p. 27–34, 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/379015481>. Acesso em: 18 maio 2025.

MACIEL, J. B. L. et al. Vivência e concepção da mulher acerca do climatério: uma revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e9710615557, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/article/view/e9710615557>. Acesso em: 18 mai. 2025.

MENEZES, A. B. B.; ANDRADE, L. C. de. **Efeito da educação em saúde no conhecimento das mulheres acerca do climatério e menopausa**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/60549> Acesso em: 31 mai. 2025.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto**

Enfermagem, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/> Acesso em: 18 maio. 2025.

OLIVEIRA, J. X. et al. A saúde da mulher no climatério: assistência da equipe multiprofissional no contexto da atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 75, n. 2, p. e20210089, 2022. Disponível em:
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-00642022000600001 Acesso em: 18 maio. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **World Health Statistics 2022: monitoring health for the SDGs, sustainable development goals**. Geneva: WHO, 2022. Disponível em:
<https://www.who.int/publications/i/item/9789240051157>. Acesso em: 03 maio 2025.

PATRÍCIO, R. S. O. et al. Ações de enfermagem na promoção da saúde e qualidade de vida de mulheres no climatério. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 14, n. 9, p. 1–9, 2020. <https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/4782> Acesso em: 18 maio 2025.

PRADO , A. L. R., DURÃES , A. T. DE S., PACA , M. M., SOUZA , V. E. D. T., CAMELO , I. R. M. (2024). Impactos do climatério na qualidade de vida das mulheres adultas das unidades básicas de saúde do município de Guanambi, Bahia. **Cuadernos De Educación Y Desarrollo**, 16(2 Edição Especial). Disponível: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/2660> Acesso em: 18 maio 2025.

SANTOS, C. L. dos et al. A percepção da mulher com relação à consulta do climatério. **Nursing (Edição brasileira, Impressa)**, p. 7204–7221, 2022. Disponível em:
<https://revistanursing.com.br/article/view/7204-7221>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SANTOS, M. T. DA S., LIMA, A. Y. G. DE, SILVA, M. F. B. DA, CARVALHO, T. A. DE, CAVALCANTI, M. DE F. N., LIMA, R. F. DE, SANTOS, A. V. A. DOS, & SOUSA, J. O. DE. Intervenções educativas para mulheres climatéricas: experiências de discentes na promoção da saúde e educação emocional. **Contribuciones A Las Ciencias Sociales**, 17(6), e6794 . 2024. Disponível: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6794> Acesso em: 18 maio 2025.

SILVA, Juçara Elke Lourenço da et al. Terapias integrativas e complementares utilizadas por mulheres no climatério e menopausa: protocolo de revisão de escopo. **Revista Contemporânea**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 88–95, 2023. Disponível em:
<https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/3347>. Acesso em: 31 maio 2025.

SOARES, J.B. et al. Estratégias de cuidados de enfermagem durante o climatério e a menopausa. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 10, n. 1, p. 1–15, 2025. Disponível em:
<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/17640>. Acesso em: 18 maio 2025.

SOUZA, C. H. C. de et al. Qualidade de vida no climatério: revisão de literatura. **Anais do Enfermaio**, Universidade Estadual do Ceará, 2024. Disponível em:
https://www.uece.br/eventos/enfermaio/anais/trabalhos_completos/1290-65979-09042024-112357.pdf. Acesso em: 18 maio 2025.

SOUZA, B. M. S. et al. Assistência à saúde da mulher climatérica: uma revisão de literatura.

Research, Society and Development, v. 10, n. 17, e26101724332, 2021.

Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/41da/34bbd2aaf7c4fe4d37c9fae1a8df7be01fe3.pdf>.

Acesso em: 18 maio 2025.

TISSIANI, Marcelo Paulo et al. O impacto do climatério na saúde mental das mulheres. **Brazilian**

Journal of Health Review, Curitiba, v. 5, n. 6, p. 25204–25217, 2022. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/78341>. Acesso em: 31 maio 2025